



SINGULARIDADES DIALÉTICAS DE EROS E TÂNATOS NO CONTO *TEOREMA*, DE HERBERTO HELDER

Luciane dos Santos¹

RESUMO: Grandes mitos tem se apropriado e revisitado os momentos modernos, sendo que grande parte desses são encontrados em obras literárias, as quais o homem vem produzindo nos últimos tempos. Um exemplo é a história de Inês de Castro, jovem nobre galega e grande amor de D. Pedro I de Portugal. Essa, após sua execução poderia ser chamada de importante figura lendária portuguesa, no entanto, como realmente existiu, a questão lendária não poderia proceder. Independente disso, a mesma tem sido retomada com frequência no cenário literário do ocidente, o que fez com que se tornasse um mito. Assim, a partir da leitura do conto *Teorema*, do escritor português contemporâneo Herberto Helder, pode-se encontrar inúmeros indícios da história de Portugal, entretanto optou-se por comprovar que o amor e morte perpassam por toda a fábula herbertiana, quando o mesmo aborda o mito inesiano. A narrativa em questão também pode ser relacionada à dialética de Eros e Tânatos, personagens da mitologia grega, cujas representações respectivamente, do mesmo modo, são o amor e a morte. Como a história de Inês de Castro esta intrinsecamente relacionada a tais contextos tomar-se-á o conto em questão para elucidá-los, tendo assim objetivo do presente artigo. No entanto, antes disso serão apresentadas algumas idéias relacionadas ao texto, as quais são apropriadas para a apresentação e análise do mesmo. A elaboração do trabalho foi fundamentada na pesquisa bibliográfica como ratificação da análise. Tal pesquisa foi o meio de avaliação de uma disciplina de pós graduação de uma instituição de ensino superior pública e tem a intenção de auxiliar em outros trabalhos acadêmicos que tenham em seu *corpus* o mito de Inês de Castro.

PALAVRAS-CHAVE: Eros e Tânatos; Inês de Castro; *Teorema*;

1 INTRODUÇÃO

A literatura inesiana portuguesa é tratada como um tema essencialmente poético, quer pelas implicações do episódio histórico, quer pelo nacionalismo do povo português. Marcou profundamente a poesia e o teatro, Garcia de Resende, Camões, Fernão Lopes e Antonio Ferreira, por exemplo, foram os primeiros a escrever sobre o tema e a carregaram com uma forte dramatização gerando posteriormente um grande número de textos publicados acerca do assunto. Entretanto, oficialmente os portugueses sobrepuseram sempre as razões do Estado para justificar o assassinato de Inês. O capítulo de Inês é um marco histórico-literário, cujo significado transcendeu as fronteiras nacionais, *Castro* (peça teatral) foi a primeira tragédia europeia construída nos moldes clássicos por Antonio Ferreira, ele criou uma Inês submissa que foi morta por questões políticas, assim a peça articula momentos de tensão com puro lirismo. Já Camões n'Os Lusíadas apresenta Inês como uma figura mitificada, foi uma vítima da força trágica e fatal

¹ Doutoranda da Universidade Estadual de Londrina (UEL) - Londrina - Paraná. Bolsista Capes. st_luciane@hotmail.com

do amor: “o caso triste e dino de memória. (118) .Tu só tu, puro Amor com força crua/ (...) Deste causa à molesta morte sua..” (CAMOES, 2001, p.108). *Teorema* é um conto o qual faz uma releitura perversa da mítica história de amor entre Pedro e Inês de Castro. Esse está inserido no livro *Os Passos em Volta*, do português Herberto Helder, um escritor medularmente poeta segundo Massaud Moisés, pois impôs-se desde cedo como um dos mais altos valores de sua geração. Helder alia ao lirismo, metáforas inusitadas, com isso causou espanto e perplexidade ao publicar seus textos no momento de pós revolução 25 de abril de 1974 “(...) armam-se sobre imagens expansivas, de nítido recorte surrealista, mas sem quebra dos liames tradicionais da sintaxe” (Moisés, 2006). A narrativa em questão começa demonstrando o desinteresse de Helder pela trágica história da morte de Inês de Castro, o que mais importa para o autor é sua identificação com o assassino Pero, que na sua visão é o responsável pela perpetuação do mito do amor de seu rei, de sua rainha e de si mesmo, pois se não houvesse um assassinato digno de uma tragédia grega, Inês seria apenas mais uma das amantes do rei D. Pedro.

O conto é narrado pelo personagem homicida que está prestes a ser executado pelo rei, no centro da praça Sá da Bandeira em Santarém e diante do povo, que segundo ele próprio matou para salvar o amor do rei “_ Senhor, _ digo eu_ agradeço-te a minha morte. E ofereço-te a morte de D. Inês. Isto era preciso, para o teu amor se salvasse.”(Helder, 1977, p. 118), ou seja, para salvar a história. Se Inês não tivesse desaparecido, o amor não poderia ter sido salvo e perpetuado, logo era preciso que algo o subsistisse para servir como alimento aos homens através dos tempos. O amor é assumido enquanto acontecimento trágico, não há espaço para sentimentalismos, nem para melodramas, quando há referência a esse assunto, o amor é erotizado, colocado numa esfera secundária. Uma curiosidade é o ritual da execução do narrador o qual lembra o de uma missa, lugar de celebração de amor entre pessoas e das pessoas com seu criador, onde quem será santificado (assassino) está de joelhos perante seu mestre (rei) “Puseram-me de joelhos, com as mãos amarradas atrás das costas” (Helder, 1977, p. 118) e terá o coração arrancado pelas costas para servir de hóstia para a tríplice comunhão (rei, rainha e criminoso) “ escolhem-me um sítio das costas para enterrar o punhal (Helder, 1977, p. 118) e mais a frente do conto “_ Só o coração _ diz. E levanto de novo o meu coração, e depois trinca-o ferozmente.” (Helder, 1977, p. 119) Logo, comer o coração para sentir o amor, como comer a hóstia para sentir o amor de Cristo. Assim como um auto de fé inquisitivo o público representado pela fé exalta-se vendo o sofrimento do outro “ A multidão delira, aclama-o, chama-me assassino, cão, e encomenda-me a alma ao Diabo.” (Helder, 1977, p. 118) Tudo isso pode também ser relacionado a um espetáculo público. O autor também faz alusão ao amor do assassino por seu rei, pois em várias passagens há leves menções indicando um relacionamento homossexual, lembrando o historiador Fernão Lopes, D. Pedro afigurava como um monarca desequilibrado e bissexual. “O rei olha para mim com simpatia (...) agradeço-te a minha morte. E ofereço-te a morte de D. Inês. Isto era preciso, para que o teu amor se salvasse.” (Helder, 1977, p.118).

Entre inúmeras leituras que pode ser feita de *Teorema* o grande amor encontrado no mesmo distintamente não é o de Pedro por Inês, mas sim a Coelho que devorou Inês e agora o dedica ao rei. Isso leva ao leitor atento a mais um resultando curioso o que culmina numa relação matemática nos três pontos perfeitos, ou seja, como um triângulo quadrado do teorema de Pitágoras em que Coelho é a hipotenusa que separa o casal: “(...) o seu corpo ir-se-á reduzindo à força de fogo interior. E eu irei crescendo na minha morte, irei crescendo dentro do rei que comeu meu coração. D Inês tomou conta das nossas almas.” (idem, p.120). Daí vem o título do conto cujo vocábulo significa aquilo que se deve provar, assunto de estudo, proposição científica que pode ser demonstrada,

ou seja, algo que deve ser comprovado de maneira científica, ao exato como teorema de Pitágoras.

A narrativa, ainda, segue as balizas realistas até o momento em que o narrador-personagem relata sua própria morte e, partir daí, é que se estabelece a desconstrução do realismo, com efeitos de inadequação temporal com a intromissão de elementos futuristas para a composição espacial da cena comparado com o tempo histórico do acontecimento, o século XIII, o que faz o texto chegar ao surrealismo. No entanto a presença do Amor e Morte é a constante que conduz a narrativa de forma indissociável e justificada na visão do autor. Dessa forma, a seguir será apresentado o conceito dos personagens gregos Eros e Tânatos para que possa servir de embasamento teórico na finalização do artigo onde se dará a análise.

Numa pesquisa bibliográfica se percebeu que os nomes Eros e Tânatos aparecem em vários teóricos como Freud (em que Tânatos é a personificação mítica da pulsão da morte) ou Schopenhauer que acredita que “É preciso enfim que a morte triunfe, pois lhe pertencemos pelo próprio fato do nosso nascimento, e ela não faz senão brincar com a presa antes de o devorar” (Schopenhauer, s/d, p18), entre outros pensadores que acomodaram os temas amor e morte para compor suas idéias. No entanto, no presente artigo o apresentaremos simplesmente na mitologia grega, porque isso será suficiente para embasamento de tal trabalho. Primeiramente o amor e a morte pertencem igualmente à vida, e formam um contrapeso; um é a condição do outro, são as duas extremidades, os dois pólos de todas as manifestações da existência. A individualidade da maioria dos homens é tão miserável e tão insignificante que nada perde com a morte. A tragédia é a fusão destes sentimentos extremos, é a ruptura violenta do amor, que transcenderá no plano espiritual (romanticamente falando).

O trágico, expressão mais comum no nosso entendimento é o que está associado à morte, à desventura, ao calamitoso ou sinistro. Em seu sentido literário significa esplêndido, grandioso, não inteligível, e é geralmente negativo. O trágico é apresentado no texto como a salvação do amor perante a eternidade, é o sublime na sua forma mais concreta sem a expectativa da catarse. Para Vernant (1999), a tragédia surgiu na Grécia no fim do século VI, procurou se estabelecer em teoria no século IV com a Poética de Aristóteles, ela assumiu um distanciamento em relação aos mitos de heróis em que se inspira e contrapõe com liberdade, confronta os valores heróicos. “O domínio próprio da tragédia situa-se nessa zona fronteira onde os atos humanos vêm articula-se com as potências divinas, onde revelam seu verdadeiro sentido, inserindo-se numa ordem que ultrapassa o homem” (Vernant, 1999, p.4)

“Tânatos para os gregos era o ser que findava a vida, deus da morte, representado pelo sexo masculino. Era filho da noite e irmão do deus do sono, tendo em si o poder de regeneração, assim como sua mãe e seu irmão.” (DIAS, 2010, p.113) Já segundo Schmidt (1985) Eurípedes (poeta grego que escrevia tragédia), na tragédia *Alceste*, cita Tânatos como o deus da morte, este vive nos infernos e foi originado pela Noite junto com seu irmão Hipno, o sono. Na religião romana seu homólogo é Orco e ambos não tem um mito próprio como Eros, por exemplo. Tânatos aparece em algumas histórias como a de Sísifo e lenda de Admeto. Ao contrário do que muitos acreditam, ele não é a morte, mas sim um mensageiro da mesma, cujo coração de ferro e entranhas de bronze os pertencia. Vivia no reino dos infernos de Hades.

Já Eros, ainda segundo Schmidt (1985), é o deus da força fundamental do mundo, da pulsão da vida, ao contrário de Tânatos que quer destruí-la. Antes mesmo do nascimento dos mortais a força de Eros já existia, porque seu poder não se estende somente ao seres, mais aos vegetais, minerais, fluídos, ou seja, a tudo que existe no mundo. Muitos o confundem com o Cupido, deus romano, ou com o Amor. No entanto ele é, antes de tudo, uma entidade abstrata “o desejo que aproxima e gera os

mundos”(Schimit, p. 109, 1985). Eros nasceu segundo Grimal (p. 148, 2005). [...] do Ovo primordial gerado pela Noite, um ovo que se dividiu em duas partes, que deram origem ao Céu e a Terra.[...] É ele que assegura a continuidade das espécies, mas também a coesão interna do Cosmo. Ao contrário de Tânatos, ele possui vários mitos como um bastante conhecido em toda literatura: Eros e Psique. Não os abordaremos aqui, pois acreditamos ser dispensável para tal artigo. Por fim, fica claro que pouco a pouco sob influência dos poetas o deus Eros foi tomando sua fisionomia tradicional, ou seja, a forma de uma criança na maioria das vezes com asas em que compraz em perturbar os corações. Por fim, esses dois deuses, como descritos acima representam realmente a idéia de contrariedade, de oposição assim como ocorre no conto *Teorema* que será analisado a seguir.

A intenção da análise esta centrada em apresentar mais um texto literário português co reincidência do mito inesiano e vinculado a ele a dialética do amor e da morte.

2 MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa em questão foi realizada com bases em materiais bibliográficos pertinentes a tal trabalho. Após levantamento da bibliografia necessária, elaborou-se a análise do conto, como será apresentado a seguir.

Pode ser percebido logo no primeiro parágrafo de *Teorema* que o narrador-personagem Pero Coelho descreve o lugar e o motivo pelo qual está prestes a ser executado: “Fui condenado por ser um dos assassinos da sua amante favorita, D. Inês (...) **Matei-a** para salvar o **amor** do rei. D. Pedro sabe-o.” (Helder, 1977, P118) (grifos meus). “O que esse homem trabalhou na nossa obra! Levou o **cadáver** da **amante** de uma ponta a outra do país” (idem, p.118) (grifos nossos). Mais uma vez é estabelecida a relação amor e morte que segundo a história, levou D. Pedro, depois de coroado rei, a transportar o corpo da sua amada de Coimbra até Lisboa para que fosse cumprido os rituais de coroação, inclusive o beija-mão.

Em outro parágrafo encontramos a citação :“Senhor – digo eu – agradeço-te a **minha morte**. E ofereço-te a **morte** de D. Inês. Isto era preciso, para que o **teu amor** se salvasse.” (idem, p. 118) (grifos meus). Nesta passagem a tríade Inês-Pedro-Coelho se coloca numa perspectiva trágica, ela se apresenta de forma ambígua, sugerindo o fim da vida carnal para a libertação e a perpetuação desse amor pela história. E mais adiante no conto, nos deparamos com o trecho: “(...) Sei que vou para o inferno, visto que sou um **assassino** e o meu país é católico, matei por **amor do amor** – e isso é do espírito demoníaco.” (idem, p119) (grifos nossos). Neste trecho, o narrador justifica-se pelo crime e não teme pela suposta salvação de sua alma, desde que a história de seu amor fique gravado para sempre. Mais uma vez comprova-se a presença de Eros e Tânatos ao nos referimos ao assassinado e o motivo desse, a perpetuação do mito inesiano.

Em outra passagem temos: “(...) vendo D. Pedro a comer meu coração cheio de **inteligência do amor** e do sentimento da eternidade.(...) D Pedro retira-se, depois de dizer à multidão algumas palavras sobre **crime** e justiça.” (idem, p119) (grifos meus). Como já dissemos, neste conto não há espaço para sentimentalismo romântico, nesta citação antropofágica há uma metáfora em que o coração (símbolo do amor) de Pero Coelho é devorado por D. Pedro concluindo assim, uma transferência de seu amor para o objeto de desejo, realizado e eternizado pela morte. E ainda, “Somos todos sábios à custa dos nossos **crimes** e do comum **amor** à eternidade.” (idem, p.120) (grifos meus) Mais uma vez, o assassino justificando seu crime e elevando-se ao nível de um sábio por dedicar esse delito à eternidade.

A seguinte citação: “O rei estará insone no seu quarto, sabendo que **amará** para sempre a minha **vítima**.” (idem, p.120) (grifos meus), nos faz deparar com o narrador que se dá por satisfeito por ter eternizado o amor do rei pela sua amante, responsabilizando-se como mediador do processo. Já na citação abaixo:

“O seu corpo ir-se-á reduzindo à força de fogo interior, e a sua **paixão** será sempre mais vasta e pura. E eu também irei crescendo na minha **morte**, irei crescendo dentro do rei que comeu meu coração. D. Inês tomou conta das nossas **almas**. Ela abandona a carne e torna-se uma **fonte**, uma **labareda**. Entra devagar nos poemas e nas cidades. Nada é tão incorruptível como a sua **morte**.” (idem, p.120) (grifos meus).

Observamos a passagem do amor material para sua eternização através da morte, é o triunfo do amor que se consolida e se cristaliza na sua forma sublime além dos corpos, a representação máxima de Eros e Tânatos que o texto atingiu, a tríplice união fundindo-se para ser lembrada para todo o sempre na história.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Assim, concluímos que as forças do amor e morte estão intrinsecamente presentes no texto e de forma indissociável, todavia de uma forma pouco habitual como ocorre em muitas outras obras literárias. Pero Coelho assassina Inês e depois morre para que o amor dela e D. Pedro fique eternizado na história. A morte neste caso sugere liberdade, pois se a morte costuma representar a força de Tânatos sobrepujando Eros, neste caso especial, Eros revela sua força, afinal, é através da morte que Inês recupera definitivamente a liberdade que tanto lutou para ser aceita pela corte portuguesa como a rainha e esposa de D. Pedro. Tânatos foi o meio que Eros se utilizou para vencer. O que a história nos conta hoje é o triunfo do Amor de D. Pedro que coroou sua rainha Inês, mesmo depois de morta.

4 CONCLUSÃO

O objetivo de comprovar que o amor e morte perpassam por toda a narrativa herbertiana, como foi acima demonstrado, no entanto de um modo diferente do que comumente aparece em outros textos literários. Não estendemos o artigo com maiores exemplificações devido à extensão permitida neste texto. Com tal análise, espera-se colaborar para futuros pesquisadores da literatura portuguesa que buscam análises no mito de Inês de Castro.

REFERÊNCIAS

CAMOES, L. V.; **Os Lusíadas**. Martin Claret: São Paulo, 2001.

GRIMAL, P.; **Dicionário de Mitos Gregos e Romanos**. Berthand Brasil. 5º Ed. 2005. Rio de Janeiro.

HELDER, H.; Teorema. In: **Os passos em volta**. Assírio& Alvim: Lisboa, 1977.

MOISES, M.; **A Literatura Portuguesa**. 34ed. Cultrix: São Paulo, 2006.

SCHMIDT, J. **Dicionário de Mitos Gregos e Romanos**. Edições 70. Lisboa Portugal. 1985.

SCHOPENHAUER, A.; **Dores do Mundo**. 2ed. Trad. José Souza de Oliveira.

VERNANT, J .P.; **Mito e Tragédia na Grécia Antiga**. Trad. Anna Lia de Almeida Prado. Perspectiva: coleção estudos. São Paulo: 1999.